



EXPOSIÇÃO

A RESISTÊNCIA ESTUDANTIL À DITADURA

Org. Arquivo Ephemera, Serviço de Documentação e Bibliotecas da Universidade do Minho

- Biblioteca Geral, Gualtar
25 março a 30 abril [série I]
- Biblioteca da UMinho, Azurém
25 março a 29 abril [série II]

A Exposição que o Arquivo Ephemera aqui apresenta, em co-produção com a Unidade de Serviços de Documentação e Bibliotecas da Universidade do Minho, foi originariamente concebida no contexto do projecto europeu “FREE YOUR MIND” sobre os activismos estudantis no Sul da Europa durante as ditaduras. Assim, sob a coordenação do CEI – Iscte, o projecto juntou a PANEPÍSTIMIO KRITIS (University of Crete), Grécia, a Universidad Complutense de Madrid, a Etairia Kritikon Istorikon Meleton (Society of Cretan Historical Studies), Grécia e a Associação Cultural Ephemera, que têm vindo a produzir diferentes conferências, debates e exposições sobre as experiências do País a que pertencem, durante as respectivas ditaduras. O Arquivo Ephemera preparou, a partir do seu vasto acervo, a exposição de que agora se encontra aqui uma parte.

SOBRE A EXPOSIÇÃO

O movimento estudantil teve um papel destacado na resistência à ditadura. Acompanhou a resistência operária e a acção política clandestina, nas suas diferentes fases, anarquista, republicana (do “revirvalho”), comunista, socialista e esquerdista. Nele se formaram muitos dirigentes comunistas, socialistas, católicos progressistas e esquerdistas e, por essa via, muitos milhares de estudantes participaram directamente em lutas que rapidamente perderam o carácter corporativo para se tornarem lutas políticas no pleno sentido da palavra. Foi um grande mobilizador e um grande “formador”. Nos 48 anos de ditadura (mais longa do que as experiências espanholas e gregas) conheceu momentos de refluxo e ascenso, mas a partir

dos anos sessenta do século XX tornou-se uma constante da vida das universidades e liceus, tornando-as ingovernáveis para o regime. Comunicou com outros movimentos de resistência, cooperativa, sindical, cultural, social e política. A sua influência estendeu-se aos quartéis, quer pelas incorporações forçadas de dirigentes estudantis, quer pela frequência em certos cursos militares de aulas nas escolas revoltadas, quer pela entrada nos quartéis, mesmo nas frentes de combate colonial, de música de protesto e das publicações estudantis sem censura. No 25 de Abril de 1974, o movimento estudantil teve de imediato um papel na mobilização política e, pela passagem nas Associações de Estudantes, muitos quadros tiveram a “preparação” necessária para o exercício de funções na nova democracia, em todas as áreas da governação, no parlamento e onde eram precisos conhecimentos técnicos e científicos associados à política de uma democracia.

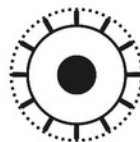
Quando se aproximam os cinquenta anos de democracia, pode-se afirmar que com o movimento estudantil e o seu papel na resistência e na oposição, a democracia consolidou-se com mais rapidez e força.

A presente exposição, apenas uma parte ínfima do nosso acervo, integra documentação que vai desde desenhos originais dos estudantes até panfletos, cartazes, fotografias, publicações clandestinas, todos originais, fazendo parte do nosso Arquivo, resultantes não só de recolha directa e activa mas também de ofertas e doações que antigos estudantes fazem ao Arquivo.

Esta é uma colecção que continua sempre em construção, continuando até à actualidade e integra todo o tipo de documentação e para a qual todos podem contribuir. Como a exposição demonstra, muitas vezes o mais pequeno papel, onde se tomam uma notas, tem, ou ganha, valor documental e histórico, e merece ser guardado, preservado e divulgado, como agora fazemos.

José Pacheco Pereira
Março de 2022

(texto escrito segundo o antigo acordo ortográfico)



Ephemera
Associação Cultural



Universidade do Minho
Serviço de Documentação e Bibliotecas